



EDITORIAL

Marianne Lacomblez

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade do Porto
Rua Dr. Manuel Pereira da Silva
4200-392 Porto, Portugal
lacombf@fpce.up.pt

Na preparação deste número, optámos por organizar um dossiê a partir de um apelo a contribuições. A temática privilegiada insere-se no campo das relações *Gênero, Atividades e Saúde* – acompanhando, aliás, a reflexão desenvolvida no âmbito da rede pluridisciplinar e internacional GAS (associada à Société d’Ergonomie de Langue Française/SELF) na consciência da importância crescente do tema escolhido: *São os tempos de trabalho sexados?*

Num contexto em que os responsáveis pela organização dos horários laborais tendem a submetê-los ao critério único da variação da procura, de bens ou de serviços – tornando-se cada vez mais frequentes os horários variáveis, o trabalho noturno e aos fins de semana, não é de estranhar que a disponibilidade temporal seja hoje decisiva na história das vidas profissionais de todos. Quando não existem alternativas, fica potenciada a possibilidade de uma deterioração do estado de saúde, como tem vindo a ser claramente demonstrado por múltiplos estudos sobre o trabalho por turnos e o trabalho noturno.

Todavia, os horários de trabalho revelam-se também como fator de diferenciação dos dois sexos e, tendencialmente, de marginalização profissional de muitas mulheres, marginalização esta que está, não raras vezes, estreitamente relacionada, precisamente, com uma evolução negativa da saúde.

Parece então que, hoje mais de que nunca, a atividade de trabalho interfere de forma diferenciada na evolução do bem-estar do homem e da mulher: não só através das características da organização do tempo de trabalho; mas igualmente pelo facto de o tempo livre, reservado à vida pessoal e familiar, ser cada vez mais invadido pelo trabalho. Os contributos publicados neste dossiê dão, na verdade, a impressão de que “as mulheres correm hoje o risco de lhes ser atribuída a função de administradoras da crise” (Scholz, citado por Lamas, 2011).

Ora, se tivermos em conta a maioria das contribuições apresentadas em diversos eventos (congressos, seminários, etc.) organizados nos últimos tempos, constatamos

que este tipo de dinâmica não é evidente para as/os cientistas que se dedicam ao estudo das relações entre gênero e saúde. É recorrente constatar que o trabalho é esquecido nas abordagens que estudam assuntos relacionados com a saúde. Parece sê-lo igualmente quando é tratado de forma explícita o evoluir do bem-estar em função do gênero. Neste último campo, por exemplo, a retórica da conciliação vida de trabalho/vida fora do tempo de trabalho tende a afastar da discussão a questão dos modos de gestão da mão de obra nos locais de trabalho.

Sendo este o quadro referencial que atravessa o conjunto dos contributos do dossiê, cada um apresenta obviamente a sua especificidade, enriquecendo assim a problemática. A profissão docente é objeto de análise de dois artigos: Carolina Faria Alvarenga e Cláudia Pereira Vianna propõem uma articulação entre os conceitos de “gênero” e de “divisão sexual do trabalho” para a compreensão do uso do tempo no trabalho docente no Brasil; e Julie Jarty, baseando-se numa análise comparativa desenvolvida com professores do ensino básico e secundário em França e Espanha, enfatiza a sensação, verificada em muitas mulheres, de estar “a agir de forma errada” - percepção não (re) conhecida, e até mesmo publicamente inconfessável, numa profissão que se enquadra numa aura ‘*family friendly*’.

Quanto a Constanza Gómez Rubio, Karina Pérez Plaza e Denise Dussert Chervellino, encontraram as protagonistas do estudo relatado no seio de um conjunto de mulheres chilenas de classes socioeconómicas médias, analisando o processo da sua integração nas dinâmicas de trabalho. As autoras realçam a dificuldade em manter a justificação que legitima a dupla jornada de trabalho tendo em conta as tensões que daí decorrem.

Num contributo que nos transporta para um outro mundo, Guy Lebeer e Esteban Martinez, partindo do pedido de um organismo paritário do setor belga da limpeza industrial, pretendem destacar como a confluência de um aumento do ritmo de trabalho, de horários não sincronizados e de salários baixos, acabou por colocar o setor (que emprega 3,6 milhões de trabalhadores na Europa, na sua maioria mulheres) na origem de um importante contingente de “trabalhadores pobres”, com nítidos problemas de saúde decorrentes das condições em que desempenham a sua atividade profissional.

Por sua vez, Sónia Nogueira e Joana Castelhana, através de uma investigação relativa à inserção de mulheres em meios predominantemente masculinos, demonstram como, no setor dos transportes públicos de passageiros e no setor das forças de segurança em Portugal, o fator tempo também assume um papel central. Em ambos os casos, a arti-

culação da vida profissional com a vida pessoal e familiar, num quadro de horários atípicos, está fortemente dependente da mobilização de um conjunto de estratégias que se revelou distinto para homens e para mulheres, prejudicando globalmente mais as últimas, em termos de saúde e/ou de percurso profissional.

Enfim, Lúcia Rotenberg descreve resultados de pesquisas empíricas com equipas de enfermagem em hospitais públicos no Brasil. Aqui, a partir da constatação da centralidade do trabalho doméstico na organização da vida cotidiana e da crítica das políticas sociais voltadas para a reprodução social, a autora destaca a necessidade de conceber instrumentos de investigação que sejam mais sensíveis à divisão sexual do trabalho.

Mas, esta edição não se limita ao dossiê.

Na rubrica “Instrumentos de investigação”, Damien Cru aborda, com a perspetiva singular que o caracteriza, o ensino da ergonomia a estudantes de engenharia. O balanço de nove anos de experiência permitiu-lhe delinear uma orientação que designa de “não dogmática” e deixará, sem dúvida, marcas na história do ensino desta disciplina a estudantes de engenharia, mas não só.

Contamos ainda neste número com uma recensão crítica. Anísio Araújo e Paulo Zambroni apresentam o livro “Clínicas do trabalho: novas perspetivas para a compreensão do trabalho na atualidade”, que reúne abordagens enquadradas em tradições científicas distintas (como é o caso da Psicossociologia, da Psicodinâmica do trabalho, da Clínica da Atividade ou da Ergologia), com textos dos seus principais fundadores, mas também de autores que as convocaram e interpelaram no âmbito das suas pesquisas. O desafio a que esta obra responde é, assim, bem sintetizado nesta recensão: romper territórios disciplinares “(...) e enriquecer a capacidade analítica face às questões da atividade, do trabalho e das organizações no século XXI”.

Quanto à nossa rubrica de textos históricos, sempre sob a orientação de Régis Ouvrier-Bonnaz, desta vez é consagrada a um texto de Antoine Léon, cujo interesse e a atualidade foram situados por Serge Blanchard – a quem muito agradecemos.

Enfim, concluímos a primeira série do nosso “Dicionário” com as letras “Y” e “Z”: Anabela Simões, pelas suas variadas experiências profissionais, encontrou os argumentos para nos convencer de que, se o “Yoga” traz indubitavelmente benefícios para o equilíbrio de quem o pratica, nunca poderá, quando valorizado no local de trabalho, substituir a intervenção no plano da melhoria das condições de trabalho. Por seu turno, Jocelyne Porcher, num tom crítico não

desprovido de um certo sentido de humor, traça a história da “Zootecnia”, abrindo aos leitores de *Laboreal* o universo mal conhecido de uma disciplina científica que procura, hoje, abarcar, de forma diferente, o largo campo das relações de trabalho com os animais.

Votos de uma excelente leitura para todos e todas.

E um agradecimento especial: não só para Joana Castelhana e Sónia Nogueira pelo trabalho de organização do dossiê “*São os tempos de trabalho sexualizados?*”; mas, também, para os colegas que, através das avaliações dos artigos, agora publicados, muito ajudaram na configuração desta edição do mês de julho: Ana Maria Seifert, Catherine Teiger, Céline Chatigny, Clara Araújo, Denise Alvarez, Hélène David, Isabel Torres, Leda Leal Ferreira, Manuel Matos, Manuela Massena, Marianne De Troyer, Mateo Alaluf, Miguel Acevedo e Sylvie Montreuil.

Marianne Lacomblez

Referências bibliográficas

Lamas, B. (2011). Apresentação do ensaio ‘O valor é o Homem’ de Roswitha Scholz e da teoria da dissociação-valor. *Comunicação apresentada no colóquio O valor é o Homem*. Lisboa: 20 de Outubro de 2011.

Como referenciar este artigo?

Lacomblez, M. (2012). Editorial. *Laboreal*, 8, (1), 8-10
<http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=37t45nSU54711245428473:4851>